

ANTIGAS METÁFORAS, NOVAS METONÍMIAS: A DEDICAÇÃO ATÁLIDA NA ACRÓPOLE DE ATENAS E AS GLOBALIZAÇÕES HELENÍSTICAS (SÉC. III/II A.C.)



Fábio Augusto Morales¹

Resumo: Este artigo trata da metáfora do universo como resultado da luta entre a ordem e o caos (aqui denominada “metáfora cosmo(a)gônica”) no período helenístico, tomando como estudo de caso as múltiplas interações entre metáforas e metonímias implicadas na dedicação atálida na acrópole ateniense, construída (provavelmente) em 200 a.C. pelo rei Átalo I de Pérgamo. Após uma breve discussão das fontes literárias e materiais disponíveis, o artigo apresenta as questões teóricas relativas às metáforas e metonímias conceituais, especialmente a partir das áreas de Linguística, Antropologia e História, indicando como estes conceitos permitem uma compreensão mais profunda dos processos múltiplos implicados na formação do significado do monumento. A proposta é que a dedicação atálida, composta por quadro grupos escultóricos representando uma batalha cada um (a gigantomaquia, a amazonomaquia, a persianomaquia e a galatomaquia), pode ser compreendida como uma adição metonímica na metáfora cosmo(a)gônica, ligada às mudanças nos processos de “criação de mundos” (*world-making*) das globalizações helenísticas do final do século III a.C.

Palavras-chave: Dedicação atálida; Atenas helenística; História global.

Abstract: This paper deals with the cosmogonic metaphor of the clash between Order and Chaos in the Hellenistic period, taking as case study the multiple interactions between metaphors and metonymies implicated in the Athenian acropolis' Attalid dedication, erected (likely) in 200 BC by Attalos I of Pergamon. After a brief discussion on the literary and material available sources, the paper discuss theoretical issues related to conceptual metaphors and metonymies, especially in the fields of Linguistics, Anthropology and History, pointing how these concepts may provide a deeper understanding of the multiple processes implicated in the monument's meaning-formation. The Attalid dedication, it is argued, can be understood as a metonymical addition inside the cosmogonic Order vs Chaos-metaphor, linked to the changes in the world-making processes of the late third-century BC Hellenistic globalization/s.

Keywords: Attalid dedication; Hellenistic Athens; Global history.

Resumen: Este artículo trata de la metáfora del universo como resultado de la lucha entre el orden y el caos (aquí llamada “metáfora cosmo(a)gônica”) en el período helenístico, tomando como caso de estudio las múltiples interacciones

1 Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto de História Antiga da Universidade Federal de Santa Catarina. Para consultar demais obras do autor: <https://ufsc.academia.edu/FabioMorales> Email: fabio.morales@ufsc.br



entre metáforas y metonimias implícitas en la dedicación atálica en la acrópolis ateniense, construida (probablemente) en el año 200 a.C. por el rey Atalo I de Pérgamo. Tras un breve debate sobre las fuentes literarias y los materiales disponibles, el documento presenta las cuestiones teóricas relacionadas con las metáforas y metonimias conceptuales, especialmente de las áreas de la lingüística, la antropología y la historia, indicando cómo estos conceptos permiten una comprensión más profunda de los múltiples procesos que intervienen en la formación del significado del monumento. La propuesta es que la dedicación atálica, compuesta por grupos escultóricos que representan una batalla cada uno (la gigantomaquia, la amazonomaquia, la persianomaquia y la galatomaquia), puede entenderse como una adición metonímica en la metáfora cosmos(a)gónica, vinculada a los cambios en los procesos de "creación del mundo" de las globalizaciones helenísticas de finales del siglo III a.C.

Palabras clave: Dedicación atálica; Atenas helenística; História Global.

INTRODUÇÃO

Como compreender nosso lugar do tempo, no espaço e na sociedade em um mundo em radical ampliação? Se esta questão é extremamente concreta em nossa época, ela não é, de maneira alguma, inédita: a ampliação dos mundos habitados pelas sociedades humanas ocorre sempre que dada sociedade, por qualquer motivo, transpõe suas fronteiras externas. Os motivos são variados, assim como são os mundos: escassez ou abundância para economias-mundo; ambição ou medo para impérios-mundo; curiosidade ou projeções para culturas-mundo – e a lista seria infinita. As ampliações não são lineares, mas pontuadas por períodos de retração, e não implicam a supressão das fronteiras: novos arranjos de fronteiras internas (entre ricos e pobres, homens e mulheres, governantes e governados etc) surgem em função de novos contornos de fronteiras externas (entre o conhecido e o desconhecido, entre a natureza e a cultura). A fluidez das fronteiras internas e externas dos diferentes mundos gera, dialeticamente, seu oposto: as tentativas de fixação, por meio de práticas de registro e/ou ritualização visando a conservação da ordem social vigente (CONRAD, 2016; GUARINELLO, 2010; LAMONT; MOLNÁR, 2002).

Neste jogo constante entre fluidez e fixação, entre ordem e crise, entre ampliação e retração, indivíduos e grupos precisam de referências nas quais ancorar sua identidade e seus valores, ainda que tal ancoragem não seja jamais definitiva ou livre de ambiguidades. Desse modo, indivíduos e grupos “criam mundos”, tanto no nível da compreensão quanto da ação (BELL, DUNCAN, 2013; CONRAD, 2016, p. 185–204). Dentre as formas de criação de mundos abordadas pela bibliografia recente, o presente texto analisa uma em particular, qual seja, o uso das metáforas e metonímias conceituais. A bibliografia recente



sobre o tema é ampla, estendendo-se da Linguística à Antropologia, Arqueologia e História, e a síntese dos debates está além das ambições deste texto (BLANCO-CARRIÓN; BARCELONA; PANNAIN, 2018; FERNANDEZ, 1991; LAKOFF; JOHNSON, 2003; ORTMAN, 2000; SCHÄFER, 2012; SEMINO; DEMJÉN, 2016). Antes, procurarei demonstrar como a reflexão sobre as relações entre metáforas e metonímias conceituais pode contribuir para a compreensão do fenômeno das globalizações em geral, e das globalizações do período helenístico em particular. O exemplo escolhido para este texto é o modo como metáforas e metonímias são engajadas na compreensão das relações entre gregos e bárbaros, em particular o que denomino aqui como “metáfora cosmo(a)gônica”, resultado da associação entre duas metáforas radicais: por um lado, a metáfora dupla composta pelas metáforas *helenidade é ordem e barbárie é caos*; por outro, a metáfora simples *história é guerra*. Associadas, elas produzem uma explicação da história do universo por meio da sucessão de guerras da ordem (helenidade) contra o caos (barbárie). Entre as várias manifestações literárias, epigráficas e materiais desta metáfora, tomo como caso a chamada “dedicação atálida”, um monumento constituído por quatro conjuntos escultóricos representando cada um uma batalha (a gigantomaquia, a amazonomaquia, a persianomaquia e a galatomaquia), localizado na área meridional da acrópole de Atenas, dedicado provavelmente em 200 a.C. pelo rei Átalo I de Pérgamo². Para tanto, o artigo se divide em três partes: a primeira apresenta os vestígios do monumento, considerando as diferentes mediações entre a dedicação em si e seu registro em diferentes suportes; a segunda discute as categorias de metáforas e metonímias conceituais a partir da incorporação de debates no âmbito da Linguística e da Antropologia; a terceira, finalmente, oferece uma interpretação do monumento e indica caminhos para a análise da construção metafórica e metonímica dos mundos helenísticos.

I. A DEDICAÇÃO ATÁLIDA: VESTÍGIOS

Conhecemos a “Dedicação Atálida”³ a partir de cinco grupos de vestígios, cada um produzido em um contexto próprio: a breve descrição de Pausânias em sua *Descrição da Grécia* (Pausânias, 1.25.2), datada de meados do

2 Este texto amplia, redireciona e atualiza a análise e a interpretação apresentada primeiramente em minha tese de doutorado (MORALES, 2015, p. 102-123).

3 A bibliografia usa igualmente as expressões “pequena doação atálida” ou “presentes atálidas”. A escolha do termo “dedicação” aqui se deve ao caráter religioso da intervenção, como é indicado tanto em Pausânias quanto no decreto augustano da restauração dos santuários (IG II² 1035.25-26). Um levantamento bibliográfico exaustivo pode ser encontrado em Stewart (2004, p. 11-80).



século II d.C.; dez estátuas de personagens mortos, convalescentes ou em vias de serem feridos, com cerca de 1 metro de altura (daí o difundido termo “pequenos bárbaros”), muito provavelmente cópias romanas em mármore do final do século I ou início do II d.C., atualmente abrigados por museus em Nápoles, Veneza, Paris, Aix-en-Provence e Roma; uma curta menção ao monumento no decreto de restauração dos santuários (IG II² 1035.25-6), datado do principado de Augusto, entre os séculos I a.C. e I d.C.; vários fragmentos de blocos de mármore encontrados em diversos locais da acrópole, identificados como fragmentos das bases dos grupos escultóricos, cuja datação mais segura é de cerca de 200 a.C. (KORRES, 2004); uma plataforma artificial construída junto ao muro sul da acrópole no século V a.C., que serviria de fundação para a dedicação no século II (KORRES, 2004).

Começemos por Pausânias. Escrevendo em meados do século II a.C., o periegeta descreve o que seria um grupo escultórico localizado na acrópole de Atenas:

πρὸς δὲ τῷ τείχει τῷ Νοτίῳ γιγάντων, οἱ περὶ Θράκην ποτὲ καὶ τὸν ἰσθμὸν τῆς Παλλήνης ὤκησαν, τούτων τὸν λεγόμενον πόλεμον καὶ μάχην πρὸς Ἀμαζόνιας Ἀθηναίων καὶ τὸ Μαραθῶνι πρὸς Μήδους ἔργον καὶ Γαλατῶν τὴν ἐν Μυσίᾳ φθορὰν ἀνέθηκεν Ἄτταλος, ὅσον τε δύο πηχῶν ἕκαστον.

Junto ao muro sul [estão] a famosa guerra dos gigantes, os quais habitavam então no istmo de Palene na Trácia, a guerra dos atenienses contra as amazonas, o conflito em Maratona contra os medas e a destruição dos gálatas na Mísia, [que] Átalo dedicou, grande dois pés cada um (Pausânias, 1.25.2).

Nesta passagem, Pausânias descreve o segmento sul da acrópole após percorrer o caminho que ia do Pireu à ágora; nos mais de vinte capítulos anteriores, diversos monumentos e obras de arte foram descritos, alguns deles servindo de suporte para longas digressões mitográficas ou historiográficas, como seria o tom de toda sua obra: a descrição de monumentos em diversas cidades gregas, escrita em meados do século II d.C. A discussão sobre a natureza da obra, na bibliografia recente, oscilou entre dois extremos, representados nas obras de J. Elsner e K. Arafat: a experiência (religiosa) e a descrição (turístico-cultural). Elsner (1992) defende que a *Periegesis* é um relato de peregrinação, pois é a experiência religiosa – da visita/visualização dos santuários – que estrutura o percurso do periegeta; para o autor, Pausânias é um grego falando das coisas gregas, centrando a atenção no caráter pan-helênico das tradições religiosas do passado grego independente, por oposição ao presente da dominação romana. Arafat (2004), por



sua vez, defende que a *Periegesis* foi composta como um guia cultural e artístico da Grécia balcânica, escrita por um estrangeiro (um grego da Ásia Menor); sua preocupação é entender as tradições locais em seus contextos específicos, preocupado não com a memória, mas com a realidade tangível, a Grécia de então. As oposições peregrinação/turismo, nativo/estrangeiro, pan-helênico/local e passado/presente em Pausânias, no entanto, podem ser nuançadas (RUTHERFORD, 2001).

A dedicação atálida encontra-se, justamente, na intersecção destas oposições: o mito pan-helênico da gigantomaquia, que narra a última ameaça à instalação da monarquia de Zeus, está ao lado das narrativas locais da invasão de Atenas pelas amazonas, no mito, e pelos persas, na história, e da narrativa estrangeira da vitória de Pérgamo sobre os gauleses, em 243. Não há digressão mitográfica ou histórica, como é comum nas descrições de monumentos em Pausânias, o que se explica pelo fato de estas batalhas já terem sido mencionadas por ocasião da descrição de outros monumentos na Ática, antes da chegada do periegeta à acrópole (gigantomaquia: 1.2.4; amazonomaquia: 1.2.1, 1.17.2; persianomaquia: 1.14.5, 1.15.3; galatomaquia: 1.3.5, 1.5.5). Os dados apresentados são apenas a localização, o tema das representações, o dedicante e a dimensão das figuras; nada é dito acerca do suporte das imagens, do(s) escultor(es), estilo(s), quantidade de figuras, dimensões do monumento etc. Vale destacar, no entanto, as indicações espaciais: Pausânias diz que os gigantes habitavam o istmo de Palene, na Trácia, onde, no período helenístico, ficava Cassandreia, uma das mais importantes cidades da Macedônia; a persianomaquia é representada pela batalha de Maratona, já mencionada pelo autor na descrição das pinturas da Stoa Poikile, onde Teseu surge do submundo para apoiar os atenienses (Pausânias, 1.15.3); e a galatomaquia é associada à Mísia, território pergameno, possivelmente como forma de diferenciar as vitórias sobre os gauleses em outros lugares, em particular em Delfos e na Macedônia. Voltaremos a estes pontos mais adiante.

A descrição de Pausânias foi associada a vestígios materiais apenas no final do século XIX, no estudo pioneiro de H. Brunn (1870); o estudo mais abrangente ainda hoje é o livro de Andrew Stewart, *Attalos, Athens and the Akropolis*, com levantamento exaustivo da bibliografia e fontes (STEWART, 2004). Dez estátuas são associadas à Dedicção Atálida: quatro estão no Museu Arqueológico de Nápoles, três no Museu Arqueológico de Veneza, uma no Museu Vaticano (Roma), uma no Museu do Louvre (Paris) e uma no Museu Granet (Aix-em-Provence). Encontradas em Roma em 1514, na região do Campo de Marte (possivelmente oriundas das termas de Agripa; cf.



GENSHEIMER, 2018, p. 40), representam apenas os derrotados. Este fato (tão típico da escultura romana quanto estranho à escultura grega), associado a um significativo conjunto de características comuns à escultura romana do final do século I e início do II d.C., aponta para a identificação das estátuas como cópias romanas do período do principado de Trajano ou Adriano; sua localização indicaria que as estátuas fariam parte dos projetos de restauração dos edifícios de época augustana realizado por Adriano no Campo de Marte (STEWART, 2004, p. 136-180).

Os “bárbaros” do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles⁴ foram fundamentais para a identificação do grupo, pois representam, cada um, um dos grupos escultóricos mencionados por Pausânias. O *gigante morto de Nápoles* representa um homem nu, em decúbito dorsal, com o braço e a perna direita flexionada e o braço e perna esquerdos estendidos, olhos e boca entreabertos, testa levemente franzida; cabelos e barba longos divididos em mechas grossas, onduladas e revoltas, feitas com incisões profundas. Segura uma espada com a mão direita enquanto um manto com pele de leão envolve o braço esquerdo e repousa sobre parte da perna esquerda; à direita, está um laço esculpido em relevo sobre a base; um ferimento aberto jorra sangue no flanco esquerdo. A tensão na musculatura do abdômen, o sangue jorrando do ferimento e a mão segurando a espada se opõem à expressão da face, já em relaxamento com a testa sutilmente franzida, que se volta para o lado esquerdo. A pele de leão, a nudez heroica e os cabelos e barbas asseguram a identificação como um gigante, ou ao menos uma de suas variações, tendo em mente, por exemplo, as representações de gigantes como hoplitas, seres alados imberbes ou seres com pernas em forma de serpente (VIAN & MOORE, 1988). A *amazona morta de Nápoles* representa uma mulher vestida com *chitoniskos* drapejado preso no ombro esquerdo, deixando o seio direito visível; como o gigante, está deitada em decúbito dorsal com o braço e a perna direita flexionada, olhos e boca entreabertos; tem cabelos compridos presos aparentemente com um laço. Está sobre duas lanças quebradas, e tem um ferimento aberto jorrando sangue no seio direito. O arranjo dos membros, a posição da cabeça, a representação dos cabelos em mechas grossas com incisões profundas e a expressão em relaxamento da face indicam o mesmo modelo do gigante. O seio visível e o a túnica asseguram identificação como uma amazona. O *persa morto de Nápoles* representa um homem vestido com barrete frígio, túnica presa no ombro esquerdo e na cintura, deixando o ombro direito visível, calças de pele e botas

4 Fotografias das esculturas estão disponíveis no sítio do Museo Archeologico Nazionale di Napoli, em <https://www.museoarcheologiconapoli.it/it/sculture/>; acesso em janeiro de 2020.



leves; está deitado em decúbito lateral (esquerdo), perna direita estendida e esquerda flexionada, braço esquerdo flexionado e recuado para trás do corpo. Tem cabelos curtos saindo em mechas em sequência sob o barrete, sem barba, com rosto arredondado, olhos e boca entreabertos, e expressão da face menos relaxada que a amazona ou o gigante, talvez ainda indicando agonia. Um escudo oval é segurado pela mão esquerda por trás do corpo, e uma espada curva solta está próxima à mão direita; não há ferimentos visíveis. O barrete frágio, as calças, o calçado e a espada curva reforçam a identificação como um persa, como atestam paralelos no friso de Atena Nike ou no mosaico de Alexandre. Diferentemente do gigante e da amazona, a escultura é estruturada por formas curvas: aquela das costas e pescoço na parte superior, do braço esquerdo logo abaixo, da espada diante das pernas, e do escudo oval atrás do corpo. O *gaulês moribundo* do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles representa um homem nu com capacete pseudo-ático (restauração), reclinado para a esquerda se apoiando no braço esquerdo, pernas e braços ligeiramente flexionados; dois ferimentos profundos no flanco esquerdo e abaixo da omoplata direita, jorrando sangue; as cavidades nas costas e no abdome indicam que uma lança, provavelmente de bronze, estava fixada à estátua. A identificação com um gaulês parte da similaridade com a estátua em tamanho natural do “Gaulês capitolino”.

Os “bárbaros” do Museu Arqueológico Nacional de Veneza⁵, por sua vez, são todos identificados como gauleses mais pela ausência do que pela presença de elementos característicos. O *gaulês ajoelhado de Veneza* representa um homem vestido com túnica presa no ombro esquerdo e na cintura, deixando o lado direito do dorso à mostra; olhos arregalados e boca entreaberta, cabelo e barba longos; apoiado sobre o joelho esquerdo, o tornozelo direito e o braço esquerdo, que se apoia sobre uma pedra; o braço direito que segura espada é uma restauração. O *gaulês “break-dancer” de Veneza* representa um homem nu, com dorso torcido para a direita (pernas e braços são restaurações); olhos arregalados e boca entreaberta; cabelo curto e nenhuma barba; sua postura, reclinada para trás no movimento de queda, pode indicar que o personagem estivesse associado a um cavalo. O *gaulês morto de Veneza* representa um homem nu com cinto de metal na cintura; deitado em decúbito dorsal, com braço esquerdo estendido para cima e direito paralelo ao corpo, pernas ligeiramente flexionadas; olhos e boca entreabertos; cabelo de tamanho mediano, sem barba; braço esquerdo sobre escudo hexagonal, e mão direita segurando cabo de espada; ferimentos no peitoral e nos dois flancos laterais, jorrando sangue.

5 Imagens disponíveis no website do museu : <https://polomusealeveneto.beniculturali.it/musei/museo-archeologico-nazionale-di-venezia>.



Mais três estátuas estão espalhadas por museus europeus. O *persa ajoelhado do Museu do Vaticano*⁶ representa um homem nu vestindo apenas um barrete frígio; corpo flexionado, flanco direito estendido, apoiado sobre o braço esquerdo estendido e o joelho flexionado, cabeça inclinada voltada para a direita; olhos arregalados e boca entreaberta; cabelo curto, sem barba; sem ferimentos. A identificação como persa é assegurada pelo barrete frígio, além das dimensões do nariz e dos lábios. O *persa ajoelhado do Museu Granet*⁷ representa um homem vestido com túnica presa no ombro esquerdo, deixando parte direita do dorso à mostra, também com barrete frígio, calça de pele de calçado leve; apoiado sobre o joelho direito, a mão direita e o pé esquerdo; cabeça voltada para cima; olhos arregalados e boca entreaberta; cabelo e barba curtos; sem ferimentos. O *gaulês ajoelhado do Museu do Louvre*⁸ representa um homem nu, apoiado sobre o joelho esquerdo e o pé direito (braços são restaurações); cabeça voltada para a esquerda; olhos arregalados e boca ligeiramente aberta; cabelo mediano, sem barba; escudo circular com espada curta na base; ferimentos no flanco direito e na coxa esquerda, jorrando sangue.

Apesar da grande variação nas posturas e traços individuais, as estátuas apresentam algumas características recorrentes. Todas representam guerreiros derrotados, variando apenas o momento da derrota: da arma empunhada ao corpo sem vida. Praticamente todas apresentam marcas iconográficas para a rápida identificação: gigante associado a pele de animal, amazona com um seio de fora, persas com barrete frígio e/ou roupas compridas; quanto aos gauleses, possivelmente a marca definidora era a ausência de atributos exclusivos. As estátuas apresentam claras noções de equilíbrio, por meio da articulação entre diferentes posições dos membros (estendidos ou flexionados). O *pathos* das representações, para além da própria situação da derrota e iminência da morte, é reforçado com as incisões profundas sobre a superfície, intensificando os volumes e aumentando a expressividade dos personagens. Finalmente, em todas as estátuas a tridimensionalidade é reforçada – novas informações aparecem na medida em que se circunda a estátua – de modo que sua apreciação pressupõe a movimentação do espectador. Tais elementos são coerentes com as características da escultura helenística, e em particular dos experimentos

6 Imagens disponíveis no website do museu: <http://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en/collezioni/musei/museo-pio-clementino/Galleria-dei-Candelabri/guerriero-persiano.html>.

7 Imagens disponíveis no website Scribe Accroupi: <https://scribeaccroupi.fr/antiquites-grecques-perse-vaincu/>

8 Imagens disponíveis no website do museu: <https://www.louvre.fr/oeuvre-notices/statue-de-galate-blesse>.

praticados em Pérgamo, descontados os elementos relacionados ao momento da cópia (RIDGWAY, 2001, p. 275-312).



Um problema particularmente espinhoso é o da datação das estátuas, em virtude, especialmente, de sua condição de cópias. Se até a década de 1980 as cópias romanas em mármore eram analisadas somente em função de seus supostos originais gregos, posição reiterada pelo estigma de pouca criatividade da arte imperial, a renovação dos estudos de história da arte helenística e romana tem enfatizado os espaços de interpretação e desvio presente nas cópias, articuladas aos seus períodos de composição (RIDGWAY, 1984). A partir de paralelos no modo como cabelos, olhos e roupas foram esculpidos, A. Stewart defende que as cópias romanas sejam datadas do início do século II d.C., e sua realização atribuída a escultores de Afrodísias residentes em Roma, utilizando mármores microasiáticos. O local de proveniência, a região do Campo de Marte, sugeriria que os dez pequenos bárbaros estariam expostos em alguns dos edifícios restaurados por Adriano, como as termas (STEWART, 2004, p. 136-180).

O estilo das estátuas, de qualquer maneira, aponta para originais helenísticos, em função principalmente de suas semelhanças com o friso do Altar de Pérgamo. Um problema que se coloca desde o princípio é a inexistência dos vencedores, o que seria dificilmente explicado pelo acaso: sobreviveram 10 estátuas de derrotados e nenhuma de vencedores. Uma explicação plausível é a de que, justamente, a representação somente dos derrotados, sem a presença dos vencedores, é uma prática romana do período imperial: no processo de inspiração pelos originais gregos, os escultores da época imperial teriam excluído deliberadamente os vencedores. Assim, o grupo original conteria também os vencedores, mais de acordo com as práticas clássicas e helenísticas de representação de batalhas.

A acrópole, plena de esculturas de diferentes períodos, não obstante, não perderia seu caráter sagrado: os próprios monumentos tinham funções rituais. Uma evidência disto está na referência à dedicação atávida em uma inscrição datada da época de Augusto: na inscrição, lê-se que a dedicação foi restaurada “para a segurança da cidade” (IG II² 1035.25-26: εἰς τὴν ἀσφάλειαν τῆς [πόλεως]). Tal caracterização, se por um lado deve derivar de alguma inscrição na própria dedicação (tendo em vista o equivalente em Pérgamo: AvP 8.1.20-21,29), por outro ainda foi considerada relevante em um decreto voltado para a restauração de diversos santuários áticos, parte do grande programa construtivo augustano em Atenas (MORALES, 2018). O sentido religioso, portanto, é claro: a narrativa escultórica dos conflitos antibárbaros não se limitam



à fruição estética, mas carregam também um sentido mágico, apotropaico. Desse modo, a dedicação figuraria ao lado de outros artefatos apotropaicos na acrópole ateniense, tais como a estátua de Nike sem asas, para que ela nunca abandonasse a cidade (Pausânias, 3.15.7) ou a *Gorgoneion* na muralha sul acima do teatro de Dioniso, dedicado por um certo Antíoco (Pausânias, 1.21.3, 5.12.4). Museu, mas também santuário para a segurança da cidade.

Pausânias escreve que a dedicação atálide ficava junto ao muro sul. Fundamental para a identificação da localização mais precisa deste grupo foi a descoberta de uma alteração no padrão do terraço sul da acrópole, construída na época de Péricles, assim como a identificação de diferentes blocos de mármore como fragmentos dos pedestais da dedicação, discutidos com detalhe por M. Korres (2004). Quanto ao terraço, descobriu-se que a partir da metade da colunata sul do Pártenon, a plataforma junto à muralha se torna abruptamente mais larga (cerca de 5 metros) e segue a muralha até o bastião medieval, com um comprimento total de 143 metros até o bastião medieval. Esta extensão não se explica somente em função da contenção da terra de preenchimento do terraço sul da acrópole, necessária para a estabilização do Pártenon ou da muralha, na medida em que em sua porção oeste a muralha não é mais larga que um metro. Neste sentido, é de se suspeitar de que já na época de Péricles havia um plano para a instalação de edifícios ou monumentos junto à porção sudeste da muralha, o que justificaria a largura maior da plataforma; assim, a Dedicação Atálide completaria um plano anterior, algo paralelo ao observado no caso da Stoa de Eumenes. Quanto aos blocos de mármore, são oito plintos, quatro ortostatos e treze cornijas, todos eles parte de longas bases de estátuas. A localização dos achados, as características dos blocos e as marcas de encaixe de estátuas de bronze em sua superfície superior foram suficientes para que M. Korres sugerisse que se tratavam das bases da dedicação atálide. Com base no comprimento da plataforma, a largura das bases e a altura das cópias romanas, A. Stewart sugeriu que os quatro grupos da dedicação atálide eram compostos, no total, por cerca de 120 estátuas, se estendendo por 140 metros de comprimento (STEWART, 2004, p. 196); tais dimensões fariam com que o conjunto se constituísse com o maior monumento escultórico da acrópole, funcionando como uma espécie de pêndulo terrestre para as métopas do Pártenon, cujos relevos tinham dimensões equivalentes às estátuas plenas da dedicação atálide – paralelo que é reforçado pela coerência temática dos conflitos contra monstros e bárbaros.

Tais são as fontes; passemos, agora, aos conceitos.

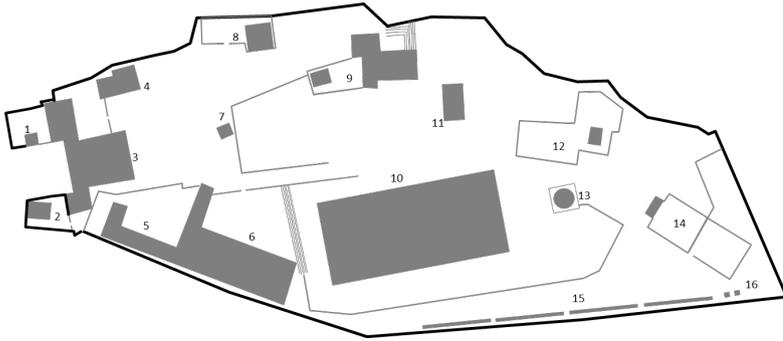


Fig. 1. Planta da Acrópole na época de Augusto.
A dedicação atálide é indicada pelo número 15.

2. METÁFORAS, METONÍMIAS E RITUAIS

Nas últimas décadas, as metáforas e metonímias, até então relegadas à enorme lista de figuras de linguagem da retórica ou da linguística, foram alçadas ao lugar de “figuras de pensamento”, tornando-se conceitos fundamentais da chamada Linguística Cognitiva (GIBBS JR, 2008; LAKOFF; JOHNSON, 2003; SEMINO; DEMJÉN, 2016). Mais do que recursos da linguagem, pelos quais algumas coisas são ditas por outras, metáforas e metonímias são formas estruturais do pensamento humano: os falantes não apenas usam-nas como forma de expressão, mas também como formas de cognição.

Começemos pelas metáforas. O oceano bibliográfico sobre este tema é amplo, assim como seus faróis; tomaremos aqui dois dos mais citados na bibliografia recente. Tratam-se da produção de Max Black e do livro clássico de Lakoff e Johnson, que promoveram a refundação do estudo das metáforas para além da retórica, a partir do novo campo da Linguística Cognitiva. Black discute a natureza e as modalidades da metáfora na linguagem e no pensamento (BLACK, 1962; BLACK, 1977). Para o autor, as metáforas funcionam a partir da seleção de atributos compartilhados entre os sistemas de lugares-comuns associados (ou, de acordo com conceituação posterior, o complexo de implicações; BLACK, 1977, p. 442) de um e outro termo, em cuja interação um funciona como fonte e outro como alvo. Na interação entre falantes e ouvintes, ocorre a suspensão dos atributos divergentes e consideram-se apenas os convergentes. Assim, em “os gauleses são monstros”, as várias características que separam “gauleses” e “monstros”, como a humanidade gaulesa versus a animalidade monstruosa, são esquecidas em prol das características convergentes,



como a incivilidade de ambos. Black então separa o sentido literal do sentido metafórico: enquanto o primeiro pertence a cada um dos termos em sua especificidade, o segundo surge por meio da interação entre os dois termos – e os dois atores da comunicação (AYOOB, 2007).

A partir desta “visão interativa da metáfora”, Black distingue metáforas “fortes” e “fracas”. As fortes são aquelas que apresentam ressonância e ênfase. Por ressonância, Black entende a capacidade de uma metáfora de ser associada a uma grande quantidade de situações; por ênfase, entende a limitação, estabelecida por seu produtor, de substituição ou variação em seus termos. Assim, em “sociedade em rede”, a metáfora da rede é enfática na medida em que sua substituição por enunciados literais demandaria um grande esforço que poderia resultar em seu empobrecimento; ressonante, pois “rede” pode servir como metáfora para conceitos de diferentes áreas, da sociologia à biologia, da política à computação. Recentemente, R. Schäfer, adaptando a discussão de Black na proposição de um método para uma “história das metáforas” no âmbito da História dos conceitos, adiciona à ênfase e ressonância o aspecto da temporalidade: na medida em que metáforas ressonantes interagem com diferentes complexos de implicações – ou, segundo Schäfer, “gêneros” – ao longo do tempo, seu significado pode tanto mudar com o tempo quanto mudar em ritmos diversos, de acordo com cada complexo/gênero (SCHÄFER, 2012). Por exemplo, é possível historicizar a utilização da metáfora da rede em sua conjunção com o processo de globalização, assim como mapear sua concorrência com outras metáforas de grande ênfase e ressonância, tais como “campo” (derivada da Física) ou “estrutura” (derivada da Arquitetura).

Além do funcionamento da metáfora e sua tipologia, Black aponta para seu aspecto propriamente cognitivo; mais do que uma ficção ou figura de linguagem, a metáfora é uma “figura de pensamento”, que revela a realidade a partir de suas próprias lógicas (BLACK, 1977, p. 454-456). Tal ideia seria desenvolvida – a partir de várias caminhos confluentes – de modo mais completo por G. Lakoff e M. Johnson, no livro *Metaphor We Live By*, de 1980, qualificado recentemente como uma “a grande revolução no estudo dos tropos” (GIBBS JR. *et al.*, 2015). Os autores argumentam que as metáforas estão na base dos sistemas conceituais humanos, pelos quais as pessoas pensam e expressam suas impressões da realidade; metáforas que estruturam sistemas são “metáforas conceituais”. Um exemplo é a metáfora bélica usada para pensar e expressar uma discussão (LAKOFF; JOHNSON, 2003). Termos como “ganhar ou perder”, “avançar ou recuar”, “ganhar ou perder posições”, “empregar estratégias”, de origem militar, são utilizados não apenas para expressar, por meio da linguagem, os diferentes momentos e modos de uma discussão; tais



conceitos também formatam o modo como vivenciamos e compreendemos uma discussão. No entanto, ao direcionar a experiência, a metáfora conceitual produz um duplo movimento de destaque e marginalização da realidade concreta: a metáfora bélica para a discussão marginaliza todos seus potenciais e necessários aspectos colaborativos (como a dedicação de tempo e atenção, ou o estabelecimento de argumentos de base comuns), que seriam enfatizados caso a discussão fosse metaforicamente concebida como uma dança; a metáfora, pois, é um processo essencial da cognição humana cujos conteúdos variam culturalmente.

A exploração da dimensão cognitiva das metáforas foi decisiva para a construção da Linguística Cognitiva, resultando na formulação da chamada Teoria da Metáfora Conceitual (KÖVECSES, 2015, 2020; POLZENHAGEN *et al.*, 2014; PONTEROTTO, 2014): o sistema conceitual e as estruturas cognitivas humanas seriam, majoritariamente, metafóricas; o desconhecido é incorporado a partir da elaboração da aproximação de atributos convergentes entre domínios diferentes. A grande quantidade de obras tratando da metáfora como paradigma para o pensamento atestam, justamente e para falar com Black, sua ressonância. O próprio modo de introdução da especificidade da metáfora, no entanto, acabou por produzir uma categoria concorrente, que aos poucos afirma-se como conceito paralelo à metáfora em importância e difusão. De fato, as definições tradicionais da metáfora como figura de linguagem a contrastam com a metonímia: enquanto a metáfora opera por meio da similaridade entre dois elementos (de complexos de implicação diferentes), a metonímia opera pela contiguidade entre os termos (do mesmo complexo de implicação), conforme a clássica categorização de R. Jakobson (JAKOBSON, 1971; RAVAL, 2003). O passo lógico seria utilizar a própria metonímia como categoria para a compreensão do processo de cognição.

Lakoff e Johnson já haviam dedicado um capítulo às metonímias em seu *Metaphors We Live By* (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 46-51): para os autores, se a metáfora tem como função primária permitir a concepção de uma coisa nos termos de outra e a metonímia é prioritariamente um modo de referência (pela qual um elemento substitui outro, ou, mais precisamente, mantém o elemento substituído implícito em relação ao um outro elemento explicitado; RADDEN; KÖVECSES, 1999), a metonímia não obstante exerce também uma função cognitiva. Por exemplo, a metonímia “precisamos de novos rostos”, na qual “novos rostos” implicam seres humanos inteiros, se manifesta também nas representações gráficas: um pai mostrando fotografias apenas do rosto de seu filho consegue facilmente ser compreendido, pois o rosto funciona como metonímia de toda a criança; ao contrário de uma fotografia do corpo do fi-



lho sem o rosto, que causaria estranhamento (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 48). O reconhecimento do papel cognitivo da metonímia foi a base para a formulação dos conceitos de “metonímia conceitual” e “metonímia cognitiva”, permitindo tanto o refinamento da caracterização da metonímia, quanto a elaboração de amplas bases de dados visando sua quantificação (BLANCO-CARRIÓN; BARCELONA; PANNAIN, 2018; RADDEN; KÖVECSES, 1999).

Assim como a metáfora, a metonímia também promove uma seleção; no entanto, esta seleção se realiza no âmbito do mesmo complexo de implicações. Ao passo que a metáfora seleciona atributos convergentes de complexos de implicações diferentes, a metonímia seleciona atributos que podem ser interpretados como as totalidades, ou, inversamente, totalidades que podem ser interpretadas como partes. Nas palavras de Lakoff e Johnson:

Metonymy, on the other hand, has primarily a referential function, that is, it allows us to use one entity to stand for another. But metonymy is not merely a referential device. It also serves the function of providing understanding. For example, in the case of the metonymy THE PART FOR THE WHOLE there are many parts that can stand for the whole. Which part we pick out determines which aspect of the whole we are focusing on (LAKOFF; JOHNSON, 2003, p. 47).

Assim, no enunciado “Pérgamo guerreou com a Macedônia”, fica claro que nem “Pérgamo” nem “Macedônia” indicam seus territórios ou suas populações; os termos implícitos são “as tropas de Pérgamo guerrearam contra as tropas da Macedônia”. Inversamente, pode-se também (por conta do fato da metonímia ser potencialmente reversível; cf. RADDEN; KÖVECSES, 1999) falar “Átalo I guerreou contra Filipe V”, sendo óbvio que não se tratou de uma batalha entre os campeões de cada lado. A variável, portanto, é qual elemento se prioriza: a entidade política total (Pérgamo/Macedônia) ou os indivíduos que detém o poder (Átalo/Filipe)? As implicações políticas de tal seleção são evidentes. A seleção metonímica, assim como a metafórica, direciona a interpretação para um sentido específico, sendo, portanto, sujeita a tensões e disputas.

O desenvolvimento da Linguística Cognitiva, inicialmente centrada nas metáforas mas com crescente interesse nas metonímias, gerou uma abundante bibliografia nas últimas décadas. É preciso destacar, no entanto, que a própria centralidade da metáfora e da metonímia nos estudos da linguagem dialoga com sua apropriação por outras áreas, em particular a Antropologia, cujos



usos da metáfora e da metonímia como categorias de classificação da realidade foram não apenas sintomas, como também vetores do giro linguístico (BELL, 1997, p. 61-72). Diante da também enorme quantidade de estudos antropológicos que promoveram este diálogo, destaco aqui, brevemente, as reflexões de Edmund Leach e Marshal Sahlins, que engajaram as categorias de metáforas e metonímias no debate com o estruturalismo antropológico francês.

Edmund Leach (1978) desenha, a partir do modelo de Lévi-Strauss para a interpretação dos mitos, seu próprio modelo de interpretação dos rituais. A inspiração maior viria não de Saussure, como em Lévi-Strauss, mas de R. Jakobson. O antropólogo britânico retoma do linguista russo a oposição metáfora/metonímia como oposição entre similaridade/contiguidade, associando-a à oposição saussuriana paradigma/sintagma, temporal entre sincronia/diacronia e musical entre harmonia/melodia. Para Leach, os rituais teriam aspectos metafóricos, paradigmáticos, sincrônicos e harmônicos na medida em que oferecem modelos de vida e de sentido a serem atribuídos a outros contextos; mas também teriam elementos metonímicos, sintagmáticos, diacrônicos e melódicos, que só fazem sentido dentro de sua relação uns com os outros. Assim, o ritual de uma missa católica tem um aspecto metafórico, na medida em que apresenta um exemplo das relações corretas com o sagrado (a obediência aos preceitos diante do sacrifício da divindade), e metonímico, posto que suas partes produzem significado em uma sucessão temporal de ações (a homília antes da comunhão, depois da leitura da Bíblia). Os rituais, para Leach, transformam metonímias em metáforas: a articulação de elementos metonímicos (cadeia sintagmática) produz totalidades novas, metafóricas, que funcionam como modelos de ações concretas (associações paradigmáticas). Por exemplo, em um ritual de feitiçaria, no qual o feitiçeiro rompe fios de cabelo de uma pessoa para infringir-lhe dor, os fios de cabelo são metonímias do corpo todo de uma pessoa, ao passo que o ritual a transforma em metáfora para que ela se realize sobre a vítima (LEACH, 1978, p. 39-41). Não há, portanto, separação definitiva entre os aspectos metafóricos e metonímicos; os rituais, de fato, operam a transformação da metonímia em metáfora (para os processos linguísticos e diferentes modalidades de transformação, cf. GOOSSENS, 1990).

Marshal Sahlins, por sua vez, na crítica à separação estruturalista entre Antropologia e História, discute o modo como a história é renunciada no mito, convertendo-se em metáfora. O caso que Sahlins discute para demonstrar as imbricações entre estrutura e evento, mito e história, é a recepção das comunidades havaianas ao capitão britânico James Cook no final do século XVIII no Havaí: a recepção pacífica do primeiro contato se converte, no segundo contato, numa série de crises que resultam no assassinato do capitão.



Para Sahlins, a chave de seu assassinato está na relação entre mito e história na cultura havaiana, na medida em que “a história havaiana frequentemente se repete, já que somente na segunda vez é evento. Na primeira, é mito” (SAHLINS, 2008, p. 30). O mito da chefia havaiana se constituía a partir de um ciclo comemorado por um ritual anual: em uma dada época do ano, o deus da fertilidade Lono distribuía prosperidade e abundância entre as ilhas; noutra, o deus abandonava as ilhas restabelecendo os poderes dos chefes locais, figurações do violento deus Ku. A recepção de Cook pelos havaianos coincidiu, quase perfeitamente, com calendário ritual da recepção do deus Lono; sua partida manteve a coincidência. No entanto, a quebra do mastro de um dos navios exigiu o retorno de Cook e seus marinheiros, o que não tinha correspondência nos mitos de Lono – “Cook estava agora *hors catégorie*” (SAHLINS, 2008, p. 53). Inversamente em relação à primeira recepção, a segunda chegada de Cook foi acompanhada de roubos e incidentes violentos contra os britânicos; Cook então aprisiona o rei havaiano como refém, mas uma rebelião na praia culmina no assassinato de Cook por centenas de havaianos. Sacerdotes de Lono carregam um pedaço do corpo de Cook a um dos navios; “ao entrega-lo aos britânicos com expressões de grande pesar, perguntaram quando Lono ‘viria de novo’. É uma pergunta que os viajantes britânicos ouviriam de outros havaianos [...] também em anos posteriores” (SAHLINS, 2008, p. 55). A conclusão do autor é que “os incidentes da vida e morte de Cook no Havai foram, em muitos sentidos, metáforas históricas de uma realidade mítica” (SAHLINS, 2008, p. 34). Ainda que o autor não explore esta direção, é de se notar que o retorno miticamente inadequado de Cook foi, nos termos do modelo de Leach, uma inadequação na cadeia sintagmática das metonímias internas à metáfora paradigmática da partida do deus: seu retorno inesperado gerou uma resposta de readequação da história ao mito; o assassinato, por sua vez, foi a metonímia parte do ritual de reestabelecimento das chefias locais.

Este breve – e, necessariamente, parcial – percurso por algumas das principais apropriações das categorias metáfora e metonímia na Linguística e na Antropologia teve como objeto demonstrar a densidade e complexidade destas categorias, utilizadas, na História, geralmente em seu sentido mais restrito como figuras de linguagem. Não se procura, aqui, como em Schäfer (SCHÄFER, 2012), propor um modelo abrangente de aplicação da metáfora e da metonímia para a História; antes, mais modestamente, este artigo propõe sua aplicação à interpretação de um monumento específico, a dedicação atálica na acrópole de Atenas em 200 a.C. Antes disso, vale a pena recapitular alguns elementos das discussões apresentadas, assim como desenvolver algumas de suas implicações. Em primeiro lugar, metáfora e metonímia não são apenas



figuras de linguagem, mas figuras de pensamento e ação no mundo. Em segundo lugar, a construção das metáforas e das metonímias ocorre por meio de seleções de atributos: no caso das metáforas, dos atributos convergentes a partir de dois domínios diferentes, que permitem a analogia entre entidades equiparadas; no caso das metonímias, dos segmentos que serão explicitados para representar a entidade implícita, dentro de um mesmo domínio. Nesta seleção, claro está, estão implicados valores culturais e projetos de poder. Em terceiro lugar, metáforas e metonímias podem se transformar umas nas outras; a ação social ou a linguagem podem articular numerosas metáforas para construção de um novo domínio, tornando cada metáfora uma potencial metonímia, assim como metonímias podem se transformar em metáforas na medida em que transpõem as fronteiras de seu domínio. Em quarto lugar, as metáforas e as metonímias são históricas, sendo sua ressonância e ênfase (Black) vinculadas à sua temporalidade (Schäfer): a força ou radicalidade de metáforas e metonímias estão sujeitas aos ritmos dos contextos nos quais são engajadas. Em quinto lugar, consequentemente, as metáforas estão continuamente sendo negociadas: o desarranjo metonímico demanda ou o reforço da metáfora (do qual o assassinato de Cook é um exemplo eloquente), ou sua substituição, como ocorre nos momentos liminares, para utilizar o termo de V. Turner (TURNER, 2017, p. 24; SCHÄFER, 2012, com bibliografia anterior). Com estes cinco elementos em mente, voltemos à dedicação atálica.

3. A DEDICAÇÃO ATÁLICA: INTERPRETAÇÃO

Em estudo recente voltado para os modos de compreensão da vitória sobre os gauleses na cultura helenística, T. Nelson dedica parte de sua atenção à dedicação atálica. Para o autor, o monumento funciona como uma alegoria, pela qual os gauleses são associados à “dicotomia analógica” da ordem contra o caos (NELSON, no prelo). O uso de categorias como alegoria, analogia e metáfora são recorrentes nas interpretações do monumento; nesta seção final, sem a pretensão de esgotar o tema ou defender a proeminência do par metáfora/metonímia, pretendo apenas explorar as possibilidades interpretativas derivadas da análise da transformação de metáforas em metonímias e vice e versa no âmbito da metáfora cosmo(a)gônica, como parte da história da “criação de mundos” do Mediterrâneo oriental.

A dedicação era composta por quatro grupos escultóricos: a gigantomaquia, a amazonomaquia, a persianomaquia e a galatomaquia. É possível acompanhar alguns passos da produção do significado do monumento nos termos da conversão de metáforas e metonímias. Primeiro, as estátuas funcionam como metáforas dos guerreiros vivos. Segundo, alguns poucos



combates individuais representam a totalidade da guerra. Terceiro, o momento de indecisão dos combates foi selecionado para representar todos os momentos da guerra. Quarto, cada grupo era um segmento do conjunto como um todo em um encadeamento diacrônico na direção do mito à história e do passado ao presente (gigantomaquia, início da monarquia de Zeus; amazonomaquia, reinado de Teseu em Atenas; persianomaquia, século V; galatomaquia, século III). Quinto, a contiguidade entre os grupos converte cada grupo em símile do outro (a “galatomaquia *foi como* a persianomaquia, que *foi como* a amazonomaquia, que *foi como* a gigantomaquia”), promovendo assim a analogia como prefiguração do presente no passado. Sexto, os símiles fazem com que qualquer guerra entre gregos e bárbaros seja uma guerra entre a ordem e o caos, ligando-o assim à metáfora cosmo(a)gônica. Sétimo, conseqüentemente, as quatro guerras selecionadas representam apenas parte de todas as guerras entre gregos/ordem e bárbaros/caos. Oitavo, dentro do domínio das relações interétnicas, a guerra representa a totalidade das relações entre gregos e bárbaros. Nono, e finalmente, como parte da metáfora, o monumento se torna metonímia do conjunto de monumentos cujo significado depende da metáfora, ou seja, que fazem parte do mesmo domínio (monumentos cosmo(a)gônicos da acrópole ateniense), o que reforça o significado da acrópole ateniense como ponto de referência da metáfora e dos correspondentes processos de criação de mundos. Em síntese:

1. Algumas estátuas em bronze de guerreiros SÃO guerreiros vivos (metáfora)
2. Algumas estátuas em bronze de guerreiros POR todos os guerreiros (metonímia)
3. Momento de indecisão da batalha POR todos os momentos da guerra (metonímia)
4. Cada guerra POR as quatro guerras (metonímia)
5. Cada guerra É COMO outras guerras (símile)
6. Guerra entre gregos e bárbaros É a guerra entre ordem e caos (metáfora)
7. As quatro guerras cosmo(a)gônicas POR todas as guerras cosmo(a)gônicas (metonímia)
8. Guerra com os bárbaros POR todas as relações com os bárbaros (metonímia)
9. Dedicção atálida POR todos os monumentos relativos à metáfora COSMO(A)GÔNICA (metonímia)

Cada um destes passos mereceria uma reflexão mais aprofundada; aqui, destaco a importância do sétimo passo. Por permitir que diferentes grupos sejam associados ora à ordem, ora ao caos, e diferentes guerras sejam inseridas ou excluídas na série mítico-histórica, a metáfora torna-se uma arena de disputas



acerca do arranjo metonímico, da construção de símiles e das associações metafóricas entre todos aqueles que a considerem relevante para compreensão do mundo: no caso, as sociedades do Mediterrâneo oriental, convertido no período helenístico em centro de um sistema-mundo que abrangia o Mediterrâneo e o Oriente Próximo (MORALES, no prelo). Para bem avaliar o impacto da dedicação atálica da metáfora cosmo(a)gônica, consideremos brevemente sua história.

As guerras médicas, sem dúvida, são o marco fundador desta metáfora, e a acrópole ateniense seu ponto de referência principal (HURWIT, 2000; NELSON, no prelo). Se até o início do século VI a acrópole recebera majoritariamente dedicações associadas aos mitos fundadores da religião e da cidadania ateniense (relacionados a Erectônio/Erecteu, Atena, Poseidon, Aglauro, Cécrops etc) e, eventualmente, à tirania psistrátida (especialmente na figuração de Hércules), após o saque persa de 480 o santuário receberá dedicações profundamente ligadas à metáfora cosmo(a)gônica. A mais clara é, sem dúvida, o programa escultórico das métopas do Pártenon: figurando a gigantomaquia (face leste), a centauromaquia (face sul), a amazonomaquia (face oeste) e o saque de Troia (face norte), o conjunto engajava os embates míticos como clara referência paradigmática à vitória sobre os persas. Cada batalha se liga de um modo à memória ateniense: a gigantomaquia, pela participação direta da deusa políade, Atena; a centauromaquia, pela participação do herói local, Teseu; a amazonomaquia, além da participação de Teseu, por ter sido travada até as portas da própria acrópole; o saque de Troia, pela participação do rei ateniense Menesteu. A amazonomaquia também seria figurada junto à estátua criselefantina de Atena no Pártenon: seu escudo e suas sandálias continham relevos de combates entre amazonas e atenienses. No Pártenon, somente figurações míticas, seguindo uma hierarquia do geral/cósmico dos tempos primeiros ao particular/políade seguindo as genealogias dos reis locais (de Tese a Menesteu). Uma provável figuração histórica apareceria, pela primeira vez na escultura grega, no friso jônico do templo de Atena Nike: os fragmentos permitem a reconstrução de uma assembleia dos deuses na face leste, e de vários combates entre guerreiros gregos nus e guerreiros vestidos à moda persa (com camisas e calças esvoaçantes e calçados) em vários trechos das outras faces. Neste friso, ocorre a sobreposição do mito e da história, ainda que idealizada na forma de combates individuais – nada remete a batalhas com formações hoplíticas, o que nos lembra de que, apesar das aparências, não havia pretensões realistas ou verossimilhantes para além da representação dos corpos (VELENTZA, 2014). A acrópole da segunda metade do século V passa a ser, desse modo, junto dos múltiplos cultos cívicos, um espaço referencial para a comemoração



metafórica antibárbara, amplificando o primeiro experimento realizado pelos atenienses em Delfos, com a dedicação do Tesouro Ateniense, com relevos equiparando Teseu a Hércules, e dos escudos persas capturados na batalha de Maratona, dependurados no templo de Apolo (NEER, 2004).

O reconhecimento fora de Atenas da centralidade da acrópole para a comemoração antibárbara é visível, sem dúvida, com a dedicação feita por Alexandre de 300 escudos persas capturados após sua vitória na batalha de Grânico, em 334 (HURWIT, 2000, p. 253-254). Ao mesmo tempo que se apresentava como vingador do saque persa, Alexandre reconhecia o lugar da acrópole como espaço para tal enunciado – a dedicação dos escudos significou a primeira introdução de uma metonímia não ateniense à metáfora cosmo(a)gônica na acrópole. Uma nova metonímia seria adicionada com a inclusão das figuras de Antígono Monoftalmo e Demétrio Poliorcetes no manto panatenaico em 306: o rei e o príncipe macedônicos faziam parte, segundo Plutarco, da cena bordada da gigantomaquia. Desse modo, enquanto no final do século V a acrópole ateniense se constituía enquanto santuário cosmo(a)gônico no nível local; um século mais tarde, seria incluída no turbulento dos impérios de Alexandre e seus sucessores.

No século III, um novo “bárbaro” é incorporado: os gauleses. A invasão gaulesa da Grécia em 279 motivou a ação conjunta de diversas cidades e ligas gregas no esforço de defesa, comandado pela Liga Etólia (WILL, 1970); a vitória sobre os invasores em Delfos foi largamente comemorada em termos mítico-históricos (os etólios dedicaram escudos gauleses no templo de Apolo, ao lado dos templos persas de Maratona), mas as forças gauleses continuaram saqueando o reino da Macedônia, então no auge de sua crise sucessória após a morte de Lisímaco, Selêuco e Ptolomeu Cerauno. Em 277, o filho de Demétrio Poliorcetes, Antígono Gonatas, consegue uma grande vitória sobre os gauleses em Lisimaquéia, na Macedônia, forçando sua retirada para a Ásia Menor; com tal vitória, Antígono afirmava sua legitimidade sobre o trono (WILL, 1970, p. 117). Os atenienses, que tinham uma guarnição macedônica fixada no porto do Pireu, dedicam uma estela em comemoração à vitória de Lisimaquéia no templo de Atena Nike na acrópole, cuja associação à metáfora cosmo(a)gônica é evidente (NELSON, no prelo, p. 9).

A inclusão macedônica na metáfora seria, contudo, desestabilizada em 230/29 e finalmente rompida em 200/199 (HABICHT, 1997). No contexto das intensas guerras entre os reinos da Macedônia e o Epiro, de um lado, e as ligas Etólia e Aquéia (apoiadas pelo Egito), por outro, Atenas consegue a expulsão da guarnição macedônica no Pireu e assim recupera sua independência. Não ocorre, entretanto, rompimento com a Macedônia: duas tribos atenienses



ainda são nomeadas a partir dos dois fundadores da ainda governante dinastia macedônia (Antígono Monofthalmo e Demétrio Poliorcetes), e as inscrições continuam a comemorar a casa real macedônica. O rompimento ocorre, entretanto, ao final do século: no conflito que oporia a Macedônia ao reino de Pérgamo e a Roma, Atenas assume o risco e faz sua primeira aliança com Roma. O rei macedônico Filipe V, em 200, organiza o cerco a Atenas: sem recursos militares superiores ao limite da resistência, os atenienses assistem à destruição de santuários e ginásios localizados nos arredores da cidade murada. A salvação da cidade veio apenas com a chegada das tropas pergamenas e romanas, que levaram a guerra para fora da Ática.

O cerco à cidade e as destruições de ginásios e santuários do território ático durante a guerra motivou um grande movimento de *damnatio memoriae*, concretizado na raspagem de inscrições e destruição de monumentos relacionados à casa real macedônica (MORALES, 2018). Tal destruição teve por consequência lógica a potencial subtração das metonímias antigônidas da metáfora cosmo(a)gônica: este é o contexto imediato da dedicação atálica, e a associação entre a identidade atálica e a vitória sobre os gauleses se encaixava perfeitamente à lacuna macedônica.

O reino de Pérgamo tornou-se independente do Império Selêucida apenas na década de 240, no contexto do que N. Overtoom (2016) qualificou como “crise de transição de poder”. O inesperado enfraquecimento militar do império selêucida, incapaz de manter sua hegemonia simultaneamente no Mediterrâneo oriental e no planalto iraniano, criou as bases para a independência de províncias e reinos clientes em suas periferias, como a Bactria e a Pártia, no oriente, e Pérgamo, no ocidente. As três independências estavam ligadas às pressões de populações em movimento sobre as cidades e seus territórios, gauleses na Ásia Menor, e tribos iranianas na Ásia Central (OVERTOOM, 2016). No caso que aqui nos interessa, a vitória de Átalo de Pérgamo sobre os gauleses em 241, na batalha do Rio Caico, foi ocasião para sua aclamação como *basileus* e *soter*, rei e salvador (HANSEN, 1971). Em seu movimento de busca pela legitimação no sistema interestatal helenístico, Átalo I associou-se fortemente à liga Etólia, o que se manifestou na dedicação de quatro monumentos em um dos locais prestigiosos do santuário de Apolo em Delfos (ETIENNE, 2015). Desse modo, Átalo I, rei por conta de sua guerra contra os gauleses nas décadas de 240 a 220, se aproximava ao prestígio etólio em sua defesa da Grécia contra a invasão dos mesmos gauleses algumas décadas antes – e a todo repertório mítico-histórico envolvido. O cerco macedônico a Atenas, em 200, foi a oportunidade para Átalo I imprimir sua presença em Atenas: em certo sentido, no movimento do santuário de Apolo em Delfos à acrópole ateniense, a dedicação atálica repete a trajetória da própria metáfora cosmo(a)gônica ateniense.



Como afirmado acima, a formação de metáforas e metonímias implicam em processos de seleção: metáforas selecionam atributos convergentes de diferentes domínios, enquanto metonímias selecionam determinado atributo de um dado domínio com capacidade para representar o domínio inteiramente. O destaque de certos atributos, obviamente, implica no descarte ou marginalização de outros: as escolhas são eloquentes acerca dos projetos culturais e políticos envolvidos no processo, na medida em que direcionam modos de compreender e agir no mundo. Metáforas e metonímias com pretensões globalizantes, ou seja, que operam no nível da compreensão das relações interétnicas e interestatais, são objetos estratégicos para a compreensão dos processos de “criação de mundos” (*world-making*) enquanto totalidades de sentido e ação. A metáfora cosmo(a)gônica e suas metonímias bélicas, tal como materializadas na acrópole ateniense, são vetores da criação de alguns dos mundos no qual compreendem e agem as comunidades do Mediterrâneo e do Oriente Próximo.

A dedicação atávida continua o trabalho metafórico de vinculação de persas e gauleses, no domínio histórico, e destes com gigantes, centauros e amazonas, no domínio mítico. Mesmo dentro do domínio histórico, os atributos convergentes de persas e gauleses são, por assim dizer, exteriores aos próprios domínios: diferem em aparência física, vestuário, táticas militares, território de origem e formas políticas. Os únicos elementos em comum são o fato de terem guerreado contra gregos, e o terem feito, em algumas ocasiões, nos mesmos territórios: a passagem das Termópilas e Delfos. A aproximação entre gauleses e persas oculta, assim, a diferença brutal entre as posições de cada grupo dentro de seus sistemas interestatais: enquanto “persas” remete ao império universal dos séculos VI-IV, que tinham as comunidades e ligas gregas como uma de suas muitas periferias, “gauleses” faz referência a comunidades belicosas que ampliam seu escopo de atuação militar aos Balcãs e à Ásia Menor no século III, às margens das sociedades agrárias de cidades e reinos helenísticos. A absoluta desmedida da equivalência entre um império universal e uma confederação bárbara reforça a centralidade dos gregos como eixo ao redor do qual giram as várias histórias não-gregas; uma consequência, por exemplo, é o esquecimento do caráter periférico das comunidades gregas diante do império persa, cujas marcas na morfologia da disciplina são sentidas ainda hoje.

A construção de um abismo conceitual entre gregos e pergamenos, de um lado, e persas e gauleses, de outro, acaba por gerar um outro ocultamento: as múltiplas formas de interação entre gregos e não-gregos. As múltiplas relações entre atenienses e persas, para além da oposição bélica, têm sido intensamente exploradas (MILLER, 2004; VLASSOPOULOS, 2013); as interações entre



gregos e gauleses, por sua vez, ainda carecem de um estudo exaustivo. Aqui, basta mencionar a criação do culto de Magna Mater no Palatino romano, cujo objeto sagrado viera de Pessino, então sob domínio gaulês, com a intermediação de Átalo (BURTON, 1996).

Tais ocultações são direcionadas, dentro da metáfora, pelas metonímias escolhidas para representar as totalidades. Homens, guerreiros: todas as interações comerciais, religiosas, estéticas, sexuais e diplomáticas são subsumidas sob a centralidade da guerra. Mas mesmo na guerra, a adição da vitória de pergamos sobre gauleses na Mísia em um monumento erigido durante a guerra que opôs a Macedônia, por um lado, e Atenas, Pérgamo e Roma, de outro, implicava na subtração da presença macedônica na melodia da metáfora cosmo(a)gônica. Tal subtração, entretanto, operava por uma inversão de sentido. Subtraídos do complexo da ordem, foram adicionados ao complexo do caos, implicitamente. Pausânias menciona que os gigantes “habitavam Palene”, provavelmente seguindo uma inscrição na base do grupo da gigantomaquia. Pois bem. Palene era o nome de um dos promontórios da península da Calcídice, anexada ao reino da Macedônia desde o século IV; ali se localizava a cidade de Cassandreia, uma das mais importantes do reino macedônico no século III. A referência a Pallene, como metonímia de toda a Macedônia – assimilada aos gigantes, na metáfora – também oculta a participação macedônica no esforço de guerra contra os invasores gauleses; a adição da metonímia pergamena implica na eliminação da metonímia macedônica. O cerco macedônico à cidade, em 200, se articula metaforicamente aos cercos de amazonas e persas, na medida em que a cidade chegou à beira do colapso. A associação de amazonas, persas e macedônios a partir do atributo comum da invasão, faz com que cada elemento se torne uma metonímia da narrativa da defesa da cidade pelos heróis, pelos ancestrais e pelo exército de Pérgamo e... Roma.

Roma: muito mais decisiva na guerra contra a Macedônia, a presença romana no contexto da dedicação atálica se limita à presença de alguns dignitários romanos que acompanharam a corte de Átalo I. A ausência de qualquer referência a Roma na dedicação, assim como o desequilíbrio das homenagens a Átalo I (que chega a virar herói epônimo da tribo Attalis) e aos romanos (que são bem recebidos pela multidão, mas sem dedicação de estátuas, inscrições ou celebrações especiais; são coadjuvantes da “entrada real” do rei pergameno) é eloquente acerca do modo como gregos comunicavam-se entre si e com os romanos. Inserir Pérgamo na metáfora cosmo(a)gônica, ainda que pudesse gerar eventuais inconveniências (como o fato da dinastia ter sido fundada por um eunuco que roubou parte do tesouro de Selêuco, ou pelo herói fundador de Pérgamo estar mais próximo de troianos do que de gregos), não era uma tarefa



impossível: os atenienses já haviam aprendido a inserir dinastas macedônios na metáfora com Alexandre, Antígono e Demétrio, e Antígono Gonatas, pelo menos. Quanto aos romanos... estariam eles mais próximos dos gregos ou dos gauleses? O rodízio de magistrados não facilitava o processo: quem deveria ser homenageado, o general vencedor, cujo consulado terminaria em menos de um ano, ou a própria república? Seria Roma a nova Atenas na luta contra o caos? Estas questões seriam resolvidas, a partir de inúmeros procedimentos comunicativos, ao longo dos séculos II e I, resultando na assimilação de Roma – e particularmente de Augusto – na metáfora cosmo(a)gônica, como visível no célebre programa escultórico dos relevos na estátua de Augusto de Prima Porta. A virada do século III para o II, pois, era ainda tempo de reis e cidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou explorar o potencial interpretativo das categorias de metáforas e metonímias conceituais. O breve e superficial panorama dos debates na Linguística Cognitiva tentou indicar os modos pelos tais categorias podem ser utilizadas na análise histórica, em particular ao se considerar os processos de inclusão e exclusão implicados no “remapeamento” (MASSEY, 2016) – ou seja, na seleção de atributos convergentes e divergentes, implícitos e explícitos – de metáforas e metonímias. Como exemplo, procurei demonstrar como a dedicação atávida pode ser interpretada nos termos de uma inclusão metonímica na metáfora cosmo(a)gônica: tomando os gauleses como referência, ela substituía a metonímia macedônica (a vitória de Antígono Gonatas em 277) pela pergamena (a vitória de Átalo I em 241). Com isso, o reino de Pérgamo garantia sua “credencial de helenidade” (ETIENNE, 2015), ampliando a ressonância e a ênfase da metáfora cosmo(a)gônica sob a temporalidade de reorganização do mundo dos impérios helenísticos no final do século III. Representar guerras contra os bárbaros em Atenas era uma forma de se apresentar ao mundo grego, estando implícita a aceitação da centralidade da acrópole de Atenas como arena no processo de “criação de mundos”, em particular da cultura-mundo pan-helênica helenística e imperial. As exclusões, oclusões e silenciamentos envolvidos na afirmação desta metáfora, no jogo constante de rearranjos de suas metonímias, teria consequências de longa duração na memória histórica posterior – mesmo após o cristianismo, com seu próprio arsenal metafórico, ter forçado o recuo da metáfora cosmo(a)gônica da religião e diplomacia à literatura e estética.



A concepção deste texto deve imensamente à intensa troca de ideias e referências bibliográficas com o colega de departamento Rodrigo Bragio Bonaldo, a quem dedico este texto. Agradeço também aos alunos e às alunas do MITHRA – Laboratório de História Antiga Global da UFSC, que, em nossas reuniões semanais, (quase sempre) suportaram estoicamente meu tatear no campo da Linguística Cognitiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAFAT, K. W. **Pausanias' Greece**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

AYOON, Emily. Black & Davidson on Metaphor. **Macalester Journal of Philosophy**, v. 16, n. 1, 1 maio 2007. Disponível em: <<https://digitalcommons.macalester.edu/philo/vol16/iss1/6>>.

BELL, Catherine M. **Ritual: perspectives and dimensions**. New York: Oxford University Press, 1997.

BELL, Duncan. Making and Taking Worlds. In: MOYN, SAMUEL; SARTORI, ANDREW (Org.). **Global Intellectual History**. New York: Columbia University Press, 2013. p. 254–280. Disponível em: <https://www.academia.edu/1948260/_Making_and_Taking_Worlds_in_Samuel_Moyn_and_Andrew_Sartori_ed._Global_Intellectual_History_Columbia_University_Press_2013_>. Acesso em: 25 jan. 2020.

BLACK, M. **Models and Metaphors**. Ithaca: Cornell University Press, 1962.

BLACK, Max. More about metaphor. **Dialectica**, v. 31, n. 3/4, p. 431–457, 1977.

BLANCO-CARRIÓN, Olga; BARCELONA, Antonio; PANNAIN, Rossella. **Conceptual Metonymy: Methodological, theoretical, and descriptive issues**. [S.l.]: John Benjamins Publishing Company, 2018.

BRUNN, Heinrich. I doni di Atalo. **Annali dell'Istituto di Corrispondenza Archeologica**, v. 42, p. 292–323, 1870.

BURTON, Paul J. The Summoning of the Magna Mater to Rome (205 B.C.). **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, v. 45, n. 1, p. 36–63, 1996.

CONRAD, Sebastian. **What Is Global History?** Princeton: Princeton University Press, 2016.

ELSNER, John. Pausanias: A Greek Pilgrim in the Roman World. **Past & Present**, n. 135, p. 3–29, 1992.

ETIENNE, Roland. La politique culturelle des Attalides : 357-377. In: PROST, FRANCIS (Org.). **L'Orient méditerranéen de la mort d'Alexandre aux campagnes de Pompée : Cités et royaumes à l'époque hellénistique**. Histoire. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2015. . Disponível em: <<http://books.openedition.org/pur/19466>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

FERNANDEZ, James W. (Org.). **Beyond Metaphor: The Theory of Tropes in Anthropology**. Stanford, Calif: Stanford Univ Pr, 1991.



GENSHEIMER, Maryl B. **Decoration and Display in Rome's Imperial Therae: Messages of Power and their Popular Reception at the Baths of Caracalla.** New York: OUP USA, 2018.

GIBBS JR., Raymond W.; FERREIRA, Luciane C. Introduction: why should applied linguists care about Metaphor and Metonymy in Social Practices? **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 15, n. 2, p. 303–309, jun. 2015.

GIBBS JR., Raymond W. (Org.). **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought.** New York: Cambridge University Press, 2008.

GOOSSENS, Louis. Metaphonymy: The Interaction of Metaphor and Metonymy in Expressions for Linguistic Action. **Cognitive Linguistics**, v. 1, n. 3, p. 323–342, 1990.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Ordem, Integração e Fronteiras no Império Romano: Um Ensaio. **Mare Nostrum (São Paulo)**, v. 1, n. 1, p. 113–127, 28 dez. 2010.

HABICHT, Christian. **Athens from Alexander to Antony.** Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1997.

HANSEN, Esther Violet. **The Attalids of Pergamon.** Edição: 2nd ed. Ithaca: NCROL, 1971.

HURWIT, Jeffrey M. **The Athenian Acropolis: History, Mythology, and Archaeology from the Neolithic Era to the Present.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KORRES, Manolis. Essay. The Pedestals and the Akropolis South Wall. In: STEWART, ANDREW. **Attalos, Athens, and the Akropolis: The Pergamene "Little Barbarians" and their Roman and Renaissance Legacy.** Cambridge, U.K. ; New York, NY: Cambridge University Press, 2004. p. 242–286.

KÖVECSES, Zoltán. **Extended Conceptual Metaphor Theory.** Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

KÖVECSES, Zoltán. **Where Metaphors Come From: Reconsidering Context in Metaphor.** New York, NY: OUP USA, 2015.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by.** Chicago: University of Chicago Press, 2003.

LAMONT, Michèle; MOLNÁR, Virág. The Study of Boundaries in the Social Sciences. **Annual Review of Sociology**, v. 28, n. 1, p. 167–195, ago. 2002.

LEACH, Edmund. **Cultura e Comunicação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MASSEY, Gary. Remapping meaning: exploring the products and processes of translating conceptual metaphor. **Translation and meaning**, v. 2, p. 67–83, 2016.

MILLER, Margaret Christina. **Athens and Persia in the fifth century B.C. a study in cultural receptivity.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MORALES, Fábio Augusto. **Atenas e o Mediterrâneo romano.** 2015. Tese. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.

MORALES, Fábio Augusto. Os avessos da romanização em Atenas sob o Império Romano: cultura provincial e modos de integração no decreto IG II2 1035. **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, v. 0, n. 11, p. 168–181, 4 nov. 2018.

NEER, Richard. The Athenian Treasury at Delphi and the Material of Politics. **Classical Antiquity**, v. 23, n. 1, p. 63–93, 2004.

NELSON, Thomas J. Beating the Galatians: Ideologies, Analogies and Allegories in Hellenistic Literature and Art. A. Coşkun (ed.). **Galatian Victories and Other Studies into the Agency and Identity of the Galatians in the Hellenistic and Early-Roman Periods.** no prelo. Disponível em: <https://www.academia.edu/20315228/Beating_the_Galatians_Ideologies_Analogies_and_Allegories_in_Hellenistic_Literature_and_Art>. Acesso em: 23 jan. 2020.



ORTMAN, Scott G. Conceptual Metaphor in the Archaeological Record: Methods and an Example from the American Southwest. *American Antiquity*, v. 65, n. 4, p. 613–645, 2000.

OVERTOOM, Nikolaus Leo. The Power-Transition Crisis of the 240s BCE and the Creation of the Parthian State. *The International History Review*, v. 38, n. 5, p. 984–1013, 19 out. 2016.

POLZENHAGEN, Frank *et al.* (Org.). *Cognitive Explorations into Metaphor and Metonymy*. New edition ed. Frankfurt am Main ; New York: Peter Lang, Internationaler Verlag der Wissenschaften, 2014.

PONTEROTTO, Diane. *Studies in Conceptual Metaphor Theory*. Aracne editrice S.r.l., 2014.

RADDEN, Günter; KÖVECSES, Zoltán. Towards a Theory of Metonymy. In: PANTHER, KLAUS-UWE; RADDEN, GÜNTER (Org.). *Human Cognitive Processing*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1999. v. 4. p. 17–59. Disponível em: <<https://benjamins.com/catalog/hcp.4.03rad>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

RAVAL, Suresh. Jakobson, Method, and Metaphor: A Wittgensteinian Critique. *Style*, v. 37, n. 4, p. 426–437, 2003.

RIDGWAY, Brunilde Sismondo. *Hellenistic Sculpture I: The Styles of Ca. 331-200 B.C.* Madison, Wis: Univ of Wisconsin Pr, 2001.

RIDGWAY, Brunilde Sismondo. *Roman Copies of Greek Sculpture: The Problem of the Originals*. Ann Arbor: Univ of Michigan Pr, 1984.

RUTHERFORD, Ian. Tourism and the Sacred. Pausanias and the Traditions of Greek Pilgrimage. In: ALCOCK, S.; CHERRY, J.; ELSNER, J. (Org.). *Pausanias: Travel and Memory in Roman Greece*. New York: Oxford University Press, 2001. p. 40–50. Disponível em: <<http://centaur.reading.ac.uk/62249/>>. Acesso em: 25 jan. 2020.

SAHLINS, Marshall. *Metáforas históricas e realidades míticas: Estrutura nos primórdios da história do reino das ilhas Sandwich*. Edição: 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SCHÄFER, Rieke. Historicizing Strong Metaphors: A Challenge for Conceptual History. *Contributions to the History of Concepts*, v. 7, n. 2, p. 28–51, 1 dez. 2012.

SEMINO, Elena; DEMJÉN, Zsófia (Org.). *The Routledge Handbook of Metaphor and Language*. Edição: 1 ed. London ; New York: Routledge, 2016.

STEWART, Andrew. *Attalos, Athens, and the Akropolis: The Pergamene “Little Barbarians” and their Roman and Renaissance Legacy*. Cambridge, U.K. ; New York, NY: Cambridge University Press, 2004.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*. Niteroi: Eduff, 2017.

VELENTZA, Katerina. The Reliefs of the Athena Nike Temple: Research on How the Artistic Innovations of the Reliefs of the Temple Reflect the Political and Military History of 5th Century B.C. Athens. *Trowel*, v. XV, p. 73–80, 2014.

VLASSOPOULOS, Kostas. *Greeks and Barbarians*. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2013.

WILL, Édouard. The formation of the kingdoms. In: WALBANK, FRANK WILLIAM; ASTIN, A. E. (Org.). *The Cambridge Ancient History*. vol. 7.1. Cambridge: Cambridge University Press, 1970, p. 101-117.